

cadernos
IHU
ideias

Imagética e formações religiosas contemporâneas

José Rogério Lopes



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética

José Rogério Lopes

ano 9 nº 150 2011 ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 9 – Nº 150 – 2011

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

IMAGÉTICA E FORMAÇÕES RELIGIOSAS CONTEMPORÂNEAS: ENTRE A PERFORMANCE E A ÉTICA

José Rogério Lopes

1 Apresentação

Proponho aqui analisar as relações que se configuram no (e através do) uso de imagens religiosas por atores que se movem entre a construção de identidades e as formações religiosas na contemporaneidade. Farei isto assumindo, desde o início, a concepção de que as imagens religiosas se configuram contemporaneamente como um lugar-presença na esfera pública (LATOURET, 2004), adquirindo autonomia em relação com seu contexto de origem¹ e possibilitando apropriações e manipulações individuais e coletivas que têm potencial de gerar distúrbios identitários e éticos.

Os estudos sobre a difusão crescente de imagens na esfera pública² mostram que ela geralmente converge para registros valorativos seletivos, submetendo as suas apropriações e manipulações diversas a determinadas práticas religiosas e vivências devocionais contemporâneas, que imprimem um caráter substantivo ao conjunto de imagens que se entrelaça e gravita em torno delas. E se esse caráter ficou obscurecido pelas leituras diacrônicas de conformação dos modelos religiosos, culturais e teóricos que se instituíram na sociedade brasileira, cabe agora ser apreendido desde modelos mais abertos às suas próprias concretudes e projeções.

Assim, é apropriado reconhecer que os estudos tradicionais sobre devoções religiosas davam importância secundária ao uso das imagens no entendimento do fenômeno religioso, tratando-as regularmente como um registro simbólico que se reproduzia desde as práticas e estratégias institucionais de evangelização ou doutrinação religiosa, sobretudo, ou de resistência ou oposição que segmentos subalternos (ou populares) de sujeitos expressavam a tais estratégias (BENEDETTI, 1983; HOORNAERT, 1983).

1 Para compreender o processo pelo qual tal autonomia é produzida, cf. LOPES, 2010.

2 Cf. AUGRAS, 2004; e também: LOPES, 2010, 2010a, 2009, 2003; MENEZES, 2009.

A análise de Hoornaert (1983) é exemplar desse modelo de abordagem, aplicado ao catolicismo. Nela, o autor explicita alguns movimentos da evangelização do “gentio” pela estrutura colonial-patriarcal, movimentos que, por sua vez, utilizaram-se amplamente da “evangelização vocal”³ e das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos, em muitos casos antecipando-se à atuação dos missionários católicos.

Sua análise caminha numa construção que associa a apreensão de imagens figuradas e imagens não figuradas,⁴ no contexto colonial, explicitando suas imbricações. No horizonte da análise, a função histórica de tais imagens seria a sacralização da vida brasileira, “o estabelecimento da cristandade brasileira”, que seguia, de resto, a história da sacralização dos santos: primeiro as relíquias, depois as imagens.

O campo da imagética religiosa, segundo o autor, foi-se formando dialeticamente numa relação entre imposição de imagens para a evangelização e produção do consumo de imagens à resistência cultural. A passagem acerca da revelação das imagens de Deus Pai, de Deus Filho e do Espírito Santo, no Brasil colonial (HOORNAERT, 1983), é exemplar de como se produziu uma clivagem entre “a imagem implantada pela instituição que estava comprometida com o sistema colonial [e a] outra, a do povo, fielmente guardada e transmitida de geração em geração” (idem, *ibidem*, p. 344). Por outro lado, o desenvolvimento do culto a Maria Santíssima, e seus diversos nomes, no Brasil, “marcam diversas etapas da história brasileira” (idem, *ibidem*, p. 347), entrando também na formação dialética do campo da imagética religiosa.

A grande contribuição para a formação dialética do campo da imagética religiosa católica no Brasil, porém, vem com os santos. Segundo o autor,

os santos, além de sacralizar a vida brasileira e lhe conferir estatuto de cristandade, revelaram a formação do Brasil nos seus caminhos reais. Ora, esta formação foi dialética, houve forças contrárias em jogo, não existiu um movimen-

3 O autor descreve: “Na realidade é a própria estrutura colonial-patriarcal que está sendo encarregada de introduzir os escravos no cristianismo: os donos de escravos são catequistas, a mensagem cristã emana da casa grande e se dirige à senzala. Claro que esta responsabilidade muitas vezes foi confiada a um ‘crioulo’ ou ao feitor do engenho, conforme insinua Antonil: ‘Quando muito o feitor ou um crioulo poderá ensinar-lhes vocalmente as orações e os mandamentos da lei de Deus e da Igreja’” (1983, p. 340).

4 Uso o termo “imagens não figuradas” na concepção formulada por Nicole Loraux, em *A invenção de Atenas* (1994). Trata-se, numa leitura aplicada do termo, de composições verbais acerca das representações plásticas não cristalizadas no campo da imagética. Na ausência da capacidade de produção de imagens figuradas, ou da inexistência de documentos figurados sobre uma determinada temática, as imagens não figuradas são suas complementações necessárias.

to só, senão o conflito de dois movimentos: um em benefício de Portugal e em detrimento dos indígenas, africanos e seus descendentes, outro em benefício da dignidade dos que foram oprimidos pelos portugueses colonizadores (idem, ibidem, p. 351).

Os santos, então, foram sendo alistados aos lados opostos, mas complementares, dessa dialética que configura o campo da imagética católica brasileira: Jesus Cristo (ambiguidade maior, na figura do guerreiro ou no crucifixo) ao lado de Santa Madalena, São Francisco, Santa Catarina, Sant’Ana, São José, entre outros, defendem o lado da família patriarcal; Jesus Cristo (caracterizado como Bom Jesus, ou Jesus mendigo que corre o mundo) ao lado de São Gonçalo, São Benedito, Santo Antonio, São Severino, entre outros, são os protetores do povo pobre, que deles se valem ou a eles se apegam no desamparo.



Imagem: Sant’Ana
Fonte: Hoornaert (1983).

Na própria dinâmica histórica de combinações entre a produção das imagens e a produção do consumo das mesmas, todavia, os santos cumprem seu papel ambíguo, “mudando de camisa” temporária ou permanentemente, ou ainda elidindo as fronteiras entre os lados opostos.

Ora, desde a abordagem que adotei nas minhas pesquisas sobre devoções e práticas religiosas contemporâneas,⁵ busco

5 Cf. LOPES, 2010, 2010a, 2009, 2003; LOPES e SOUZA, 2001.

inverter a lógica que orienta essa interpretação. Primeiro, faço-o reconhecendo um caráter presencial às imagens, na atualidade, que extrapola a impressão de um registro simbólico produzido fora delas, para, a seguir, interpretar essas presenças como constitutivas de redes de sentido, organizadas em torno de determinadas devoções e práticas religiosas. Assim, as imagens religiosas e devocionais existem como suporte ritual de demarcação social, ora constituindo-se como um bem (DUGLAS e ISHERWOOD, 2006), ora configurando uma espécie de geografia do sagrado, ou ao menos, das experiências religiosas vivenciadas pelas pessoas, que definem padrões sociais de ação às mesmas.

Desde a constituição de um bem religioso (devocional ou não), as imagens permitem reconhecer biografias impressas nelas. Isto acontece na medida em que a inserção das mesmas em situações biograficamente determinadas torna-as “culturalmente sinalizadas como um determinado tipo de coisas” (KOPYTOFF, 2008, p. 89) que adquire singularidade. Desde a configuração de uma geografia do sagrado, ou das experiências e vivências religiosas, as imagens são pensadas nas maneiras pelas quais se exteriorizam tais singularidades. Como já afirmou Kopytoff (2008, p. 110),

a singularização de objetos dentro de uma sociedade cria um problema especial. Como é feita por grupos, ela porta um significado de aprovação coletiva, canaliza os impulsos individuais de singularização e assume o peso da sacralidade cultural [que, ao ser declarado pelo grupo, pode gerar] conflito em torno do que se poderia chamar de “instituições públicas de singularização”.

A questão colocada nessa díade constituída pela imagética, que oscila entre as formas de bem religioso e de geografia do sagrado, corresponderia então ao conflito contemporâneo entre a produção e a singularização das imagens, “causando o que parece ser anomalias cognitivas, inconsistência de valores e incertezas para a ação” (KOPYTOFF, 2008, p. 111). Ou seja, assim como as imagens adquirem biografias no processo de singularização relacional que estabelecem com seus possuintes, elas também moldam as biografias dos sujeitos, pela canalização dos impulsos individuais que as condicionam como bens culturalmente sacralizados.

Essa díade operacionaliza, assim, um imperativo social que condicionaria as *performances* dos atores que produzem, apropriam ou manipulam as imagens religiosas, de forma a colocar em situações liminares os diversos elementos simbólicos e os próprios atores sociais envolvidos nesse conflito.

Para entender os movimentos que compõem e dinamizam esse conflito, exponho a seguir dois conjuntos de registros in-

terpretativos: primeiro, os registros das formas de exteriorização dessa geografia do sagrado; a seguir, busco problematizar essas formas de exteriorização em suas “instituições públicas de singularização”.

2 A exteriorização da imagética religiosa: circunscrevendo propriedades da visualização da fé

O primeiro conjunto de registros se organiza em torno das “constelações devocionais” (HIGUET, 1984) formadas pela reprodução das redes de culto aos santos, mas também pelas imbricações que essa tradição católica estabelece, contemporaneamente, com outras esferas religiosas de circulação de imagens.

Segundo Londoño (2000), o culto aos santos tem a propriedade de dar visualidade e materialidade à fé cristã, como também de criar raízes onde existiam outras religiões, e de expor uma *vocação para o público* própria das devoções populares.

Essa propriedade de dar visualidade e materialidade à fé, aliás, condiciona a própria *vocação para o público* nas devoções populares, como registros de um caráter comum da cultura católica brasileira, segundo Sanchis (1994), consolidados por dois fatores: primeiro, na virada do século XX, quando a Igreja Católica busca reconquistar seu espaço público, ela “desenvolveu uma ideologia chamada a prolongar-se como difusa construção da identidade nacional”, vinculando o desenvolvimento da nacionalidade aos traços profundos de sua origem católica, o que lhe deu o caráter de “definidor hegemônico da verdade e da identidade institucional na campo religioso brasileiro” (SANCHIS, 1994, p. 148).⁶ E segundo, o desenvolvimento dessa consciência estaria sustentado no fator de consolidação: a forma histórica como o papel mediador da Igreja, como religião universal, resolve-se no Brasil, organizando-se unitariamente, mesmo quando absorvendo multiplicidades, num “sincretismo que advém” na confluência sincrônica de várias identidades” (idem, *ibidem*, p. 155).

Segundo este autor, tais fatores promoveram a configuração de uma estrutura psicossocial no campo religioso brasileiro que se caracteriza

pela existência de identidades sincrônica e/ou diacronicamente múltiplas; *pelo privilégio da mediação em to-*

6 Segundo o mesmo Sanchis (1994), esse caráter do catolicismo de definidor hegemônico de verdades e identidades está sendo contestado atualmente pelas denominações neopentecostais, que centram suas críticas no cerne dessa cultura católico-brasileira, reivindicando de seus seguidores uma fidelização exclusiva. Dessa forma, o “campo religioso” (BOURDIEU, 1998) brasileiro estaria sofrendo modificações na correlação das forças definidoras dos padrões sociais de ação dos indivíduos pertencentes às diversas denominações religiosas.

dos os níveis e todos os sentidos; pela dominância da experiência e da expressividade, oral e gestual, sobre o logos articulado com rigor e consignado na escrita; pelo emembramento da “religião” a um cotidiano lúdico e só setorialmente regulado do ponto de vista ético (SANCHIS, 1994, p. 155, grifo meu).

A referência devocional mais constante e para onde convergem tais características da cultura católica brasileira podem ser encontrados, geralmente, na imagética religiosa. A profusão de imagens nas devoções populares, além da propriedade de dar visualidade e materialidade à fé cristã, tem também a propriedade de demarcar fronteiras aos padrões sociais de ação, pela incorporação de representações do campo religioso do catolicismo, que podem ser constatadas nas festas, nas moradas dos devotos e na comercialização de artigos religiosos.

Em um estudo sobre a experiência devocional constituída em redes em torno dessa imagética, na região do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo (LOPES, 2010), verifiquei que essas fronteiras tornam-se cada vez mais porosas, no campo religioso brasileiro, permitindo cruzamentos diversos de sentidos. Essa porosidade remete à manutenção de princípios que orientam e condicionam os padrões sociais de ação dos devotos, configurados nas relações estabelecidas com a iconografia religiosa.

Nesse sentido, entrevistas com proprietários de lojas de artigos religiosos dos centros urbanos da região, permitiram distinguir algumas fronteiras demarcadas pelo consumo da iconografia e outros artigos religiosos similares.⁷ Uma primeira refere-se à associação estabelecida entre a variedade e a distribuição das imagens, nesses estabelecimentos, com a representação que realiza a mediação da aquisição das imagens pelos devotos. Ao contrário do que pensava, essas lojas não possuem um grupo específico de consumidores, constituídos pelo credo comum que professam. Os proprietários desses estabelecimentos esclareceram que seus consumidores pertencem a denominações religiosas diferentes, o que remete a pensar esses espaços como de pluralismo religioso, onde as fronteiras entre as identificações religiosas são elididas regularmente. A generalidade desse pluralismo, entretanto, depende das próprias mediações construídas entre as instituições religiosas e reproduzidas entre seus devotos e fiéis. Dessa forma, evangélicos, espíritas, e umbandistas podem adquirir artigos religiosos nos estabelecimen-

7 Trata-se de lojas que vendem artigos destinados a públicos de denominações católica, umbandista, candomblecista, evangélicas e espíritas. As fronteiras e porosidades reconhecidas pela circulação de artigos e representações religiosas, nessas lojas, foram também constatadas em outros contextos de exterioridade da religiosidade popular, como as cruzeiras de beira de estrada e as capelas rurais ou das periferias das cidades da região, além de oratórios nas casas dos devotos.

tos católicos, mas quando se trata de adquiri-los nos estabelecimentos de umbanda e candomblé, somente alguns católicos o fazem sem grandes problemas. O elo que permite o trânsito entre cristãos e umbandistas por essas lojas é a iconografia religiosa, regularmente aquela que possui representações sincreticamente figuradas. Desde que, nessas lojas, haja à disposição a imagem que se busca adquirir, o sujeito que as frequenta permite-se desconsiderar a especialidade ou a espacialidade religiosa específica que caracteriza o estabelecimento, em proveito da *representação religiosa figurada que identifica na imagem*, valendo neste momento o princípio atribuído ao sentido do consumo, que define o bem como objeto de marcação social.⁸



Imagens expostas em loja (Aparecida-SP)
Fonte: arquivo do autor.

Uma segunda fronteira a ser pensada reside no fato de esses estabelecimentos serem lugares onde se dá a apresentação, aos devotos e fiéis, de mudanças havidas na iconografia religiosa, como novidades no campo religioso. Como atualmente a Igreja católica exerce pouco controle sobre a produção das representações religiosas figuradas, as imagens passam a ser produzidas e reproduzidas por meios diversos (a reprodutibilidade técnica sofisticada da atualidade) e com representações não institucionais, sendo as lojas os lugares onde tais mudanças e novidades são apresentadas.

E uma terceira e última fronteira refere-se à temporalidade com que os artigos religiosos são adquiridos. Alguns proprietá-

8 Penso aqui com Douglas e Isherwood (2006, p. 112): “Os bens, nessa perspectiva, são acessórios rituais, o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos”. Nesse sentido, o consumo da imagética religiosa não pode ser dissociado das representações que lhe dão suporte, e que se orientam à delimitação dos padrões sociais de ação dos sujeitos.

os afirmaram que as imagens de Nossa Senhora, Jesus Cristo e da Sagrada Família têm saída durante todo o ano, enquanto as outras têm suas saídas reguladas pelos períodos de festas dos padroeiros, ou pela veiculação de certas imagens nos meios de comunicação. Um proprietário chegou a associar o sucesso da venda de escapulários com a menção que o Pe. Marcelo Rossi teria feito a este objeto nos meios de comunicação.

Dessa forma, esse fator de objetivação das fronteiras colocadas aos padrões sociais de ação dos devotos e fiéis evidencia, nos centros urbanos, a lógica que regula a própria implantação dos templos religiosos. Segundo Sanchis (1997), de um lado, localizam-se onde haja fiéis, para expressar uma comunidade local; de outro, seguindo uma visão racional e administrativa, localizam-se em locais estratégicos “para criar, no mapa da cidade – e do mundo, caminhos visíveis de confluência e fazer nascer, a partir da instituição e de seus hierarcas ‘consagrados’ (como na Igreja Católica) a Comunidade de fiéis” (SANCHIS, *ibidem*, p. 110).

Nas pequenas cidades de zona rural da região, entretanto, prevalece a mediação institucional da Igreja Católica – mesmo que afetada e gradualmente descaracterizada pelo crescimento expressivo de outras denominações religiosas – sobretudo, pela centralidade que ela ocupa na distribuição do espaço físico das cidades, influenciando na configuração de fronteiras estabelecidas pela presença da iconografia religiosa entre espaços públicos e privados. O ícone crítico para pensar essas relações é o oratório – “a casa do santo”, como dizem os devotos.



Imagem: Oratório em casa de devotos (Lagoinha-SP)
Fonte: arquivo do autor.

Embora o espaço público dessas cidades esteja repleto de outras “casas dos santos”, como cemitérios, capelas e cruzeiros de beira de estradas, é necessário apreender que o oratório torna-se um ícone crítico da experiência devocional porque se tornou o espaço/habitat das imagens, que casa com a morada dos devotos, singularizando-se aí pelos registros de sua história de vida: imagens trazidas de viagens, de romarias, recebidas pela morte de parentes e amigos, presenteadas por compadres, etc.

Dessa forma, o oratório torna-se o lugar em que se cruzam as noções de familiaridade e identificação com as imagens. Tanto nas pequenas cidades, como nos centros urbanos da região, sua presença é regular e justificada numa imbricação de motivos que atravessam gostos pessoais e *ethos* religiosos, a “lida” pessoal e a formação religiosa, a história pessoal e a história local.

A constituição de um campo religioso plural, nos centros urbanos da região, remete, por outro lado, à percepção de fronteiras porosas na experiência devocional, configuradas nas relações estabelecidas com a imagética religiosa. Juntamente com a diminuição do controle da Igreja Católica sobre a produção e reprodução das representações religiosas figuradas pelas imagens, abriu-se espaço para transformações, operadas em sua densidade semântica ou na diversidade dos motivos figurativos. Se essas transformações se davam pela indústria editorial, até pouco tempo, pelo domínio da tecnologia de reprodução gráfica, a disseminação atual do uso de microcomputadores, de câmeras digitais de foto e vídeo, de celulares com câmeras, além da vulgarização de softwares de tratamento de imagens, têm aproximado das camadas populares a possibilidade de produzir, reproduzir e transformar também essas imagens. E, logicamente, essas práticas populares e seus produtos têm modificado formas e conteúdos da imagética religiosa contemporânea, imprimindo uma reflexividade no processo de sua produção ou de seu uso (LOPES, 2009, 2009a).

As lojas que comercializam artigos religiosos complementam essa aproximação, ao oferecer uma diversidade muito grande de produtos e ao localizarem-se de forma a facilitar o acesso dos devotos e fiéis. Essas inovações têm possibilitado aos devotos e fiéis tratar a imagética religiosa como um campo de objetos em torno do qual gravitam e fundem-se signos e valores produzidos *para* o uso e *no* uso de sua experiência devocional, modificando os motivos figurativos impressos e introduzindo representações diversificadas na rede que compõe a imagética do campo religioso do catolicismo popular, mas também para além dele.

Dessa forma, as identidades sincrônica e diacronicamente múltiplas dos devotos populares do catolicismo, antes pressionadas pelo papel mediador da Igreja, atualmente explodem em uma diversidade de combinações, que incluem representações

mediúnicas, influências africanas, indígenas, orientais, holísticas ou ecológicas, entre outras.

Isso implica que a propriedade de dar visualidade e materialidade à fé cristã, criando raízes onde se expressam outras denominações religiosas, gerou uma circularidade de influências entre as próprias denominações, que fez com que o culto aos santos incorporasse representações diversas do campo religioso cristão, e do não cristão. Já na medida em que as mediações tecnológicas propiciaram aos sujeitos mesclar referentes diversos na produção dessa imagética contemporânea, extrapolando até as fronteiras das religiões e das religiosidades para produzi-la, incorporando figurações culturais e identitárias, foram se constituindo hibridismos, sobretudo, nas grandes cidades (SOARES, 2008).

Em outras palavras, a vocação para o público abriu um campo de reciprocidades entre as práticas e representações populares do catolicismo com as de outras denominações religiosas, que passou a incluir sentidos públicos diversos – religiosos ou não, em sua origem – na conformação da propriedade de exteriorização da fé cristã, entre as redes de devoções populares. Dessa perspectiva, as mediações operadas no consumo da imagética religiosa ajudam a entender que o “consumo é a própria arena em que a cultura [aqui, leia-se religiosidade] é objeto de lutas que lhe conferem forma” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2006, p. 103).

Na inclusão desses sentidos públicos diversos é que ocorre a produção das novas imagéticas religiosas. Se essa produção ainda é despercebida, é porque sua própria história ainda está por ser pensada.

3 As “instituições públicas de singularização” da imagética religiosa

Início a exposição desse segundo conjunto de registros lembrando as manifestações de comunidades islâmicas ocorridas em várias partes do planeta, nos meados da década passada, em repúdio à publicação de caricaturas do profeta Maomé nos jornais da Dinamarca. Em uma das caricaturas mais criticadas, o profeta apareceu figurado com um turbante em forma de bomba, com um pavio aceso.⁹

Estava em jogo, naquelas manifestações, um sentimento de ofensa e profanação religiosa, sentido pelos religiosos islâmicos, por conta do motivo das caricaturas, mas também pelo fato de que, nas culturas islâmicas, é proibido produzir e difundir imagens figuradas do profeta.

9 Disponível em: <www.cocadaboa.com/arquivos/008732.php>. Acesso em: 19 maio 2011.

Além do fato de que esse episódio está imerso de forma crucial na temática dessa discussão, lembro do mesmo para contextualizar os argumentos que proponho: de que as imagens religiosas se configuram contemporaneamente como um lugar-presença na esfera pública, adquirindo autonomia em relação com seu contexto de origem e possibilitando apropriações e manipulações que geram distúrbios identitários e éticos. Para seguir essa linha de exposição, passo a considerar que as singularizações culturais da imagética religiosa produzem uma economia aberta de trocas simbólicas e conflitos identitários entre os atores do campo religioso plural e contemporâneo da sociedade.

Os usos das imagens nas religiões vêm se tornando uma temática importante dos estudos atuais, em vários campos do conhecimento. Até pouco tempo considerados um subcampo de interesse menor nos estudos de religião e geralmente restritos aos pesquisadores do catolicismo popular e de algumas religiões afrobrasileiras, tais usos vêm se mostrando cada vez mais vigorosos e transversais às várias denominações presentes no campo religioso contemporâneo (LOPES, 2003).

A crescente diversificação das denominações religiosas, ao criar um campo plural, mas também concorrencial, de práticas, nas últimas décadas (SANCHIS, 1997), tornou o uso das imagens em uma estratégia importante de exteriorização, visualização e manipulação de crenças, símbolos e imaginários religiosos (LONDOÑO, 2000). Esse processo, que talvez esteja atingindo um ápice neste novo milênio, produz uma economia aberta de trocas simbólicas entre os sujeitos e as denominações religiosas. Economia aberta porque rompe antigos interditos, relativiza princípios e cânones e movimenta uma circularidade de influências imagéticas recíprocas entre esferas da vida religiosa, política, econômica e cultural.

A constatação dessa abertura é essencial para entender os fenômenos imagéticos que se produzem e reproduzem no campo religioso, uma vez que a ressignificação de sentidos neles manifestos não são processos endógenos. Tais ressignificações operam por mediações elaboradas nas fronteiras daquelas esferas, influenciadas por meios capazes de difundir registros de consciência da realidade social a um número cada vez maior de sujeitos, como a mídia (JOVCHELOVITCH, 2000).

Nesse sentido, exponho aqui algumas interrogações sobre tal processo, apontando para possíveis elaborações explicativas. O quadro analítico dessa abordagem é amplo, mas converge para alguns estudos recentes, reunidos aqui para discutir a relação entre a construção de identidades e as formações religiosas que se configuram no e por meio do uso de imagens (iconografias e outras imagens figuradas). Para tanto, conferi especial atenção àqueles estudos que analisaram o modo como diferentes grupos religiosos, num contexto de crescente pluralismo

e concorrência religiosos, procuram explorar os diversos canais de mediação e redes de comunicação, entre eles as redes devocionais, a TV, a internet, a literatura, os jornais e revistas, para elaborar imagens e identidades religiosas.

Tais estudos apresentam relatos contemporâneos e são abordados aqui sob um enfoque interdisciplinar. O propósito dessa exposição, todavia, é mostrar que as “instituições públicas de singularização” da imagética religiosa operam por procedimentos diversificados, apresentando um panorama das questões que têm ocupado os pesquisadores na área da imagética religiosa: o papel da imagem na configuração de identidades religiosas; as transformações históricas e atuais que a imagética religiosa vem sofrendo em expressões devocionais do catolicismo popular; as novas configurações de formações devocionais em redes reproduzidas material ou virtualmente pela imagética; a personalização simbólica de identidades religiosas pelo uso de imagens de líderes religiosos, ou pela exclusão das mesmas, na difusão doutrinária; as transfigurações simbólicas do sagrado nas figurações religiosas, que atualizam sistemas de sentido apropriados às experiências contemporâneas de categorias de sujeitos.

O conjunto de práticas aqui exposto é um recorte de alguns desses estudos e representa um esforço inicial de delimitar e explorar esse campo temático, mas já aponta para caminhos e perspectivas importantes para novos estudos. Sobretudo, busca-se desmistificar argumentos contrários à importância que a imagética religiosa vem assumindo para a configuração de identidades e as lutas por reconhecimento entre sujeitos, grupos e denominações religiosas os mais diversos, na contemporaneidade.

A apresentação segue uma organização temática, dividida em três sessões, como seguem.

3.1 Imagens religiosas e identidades na esfera pública

Follmann e Pinheiro (2005), junto com os líderes religiosos que compõem o programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e Ecumênico – GDIREC, refletem sobre uma prática que vem ocorrendo na Unisinos, RS, desde 2001: o GDIREC, constituído de 13 líderes de denominações religiosas diferentes, funcionando com reuniões mensais de estudo, reflexão e prática do diálogo. Após ter decidido realizar coletivamente uma “autopesquisa”, em que um dos momentos principais foi a apresentação, por cada um dos líderes participantes, de algumas imagens mais significativas de sua religião, o grupo resolveu aprofundar o processo mediante um levantamento fotográfico completo das imagens e símbolos visíveis (expostos) nos locais de culto ou templos de atuação principal dos mesmos líderes. Este levantamento foi acompanhado dos comentários explicativos dos líderes religiosos locais. A atenção principal na análise dos comentários cen-

tra-se nas questões das identidades religiosas e das orientações de conduta, envolvidas na expressão gráfica.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são as referências principais e o estudo traz elementos interessantes sobre a importância das mediações simbólicas e materiais na percepção dos participantes.

Destaco um dos elementos principais: a análise evidenciou um importante painel imagético-identitário das ambiguidades geradas do encontro inter-religioso e aponta alguns modelos que podem orientar análises acerca dos processos de autoatribuição e heteroatribuição de força simbólica às imagens religiosas.

O exemplo de que me aproprio aqui é o das “imagens” apresentadas pelo líder do Círculo Espírita Francisco de Assis (de orientação kardecista): fotos reproduzindo as capas dos livros de Allan Kardec. Nessas capas visualizam-se imagens que têm em comum uma fonte de luz, como ponto focal das paisagens figuradas.

Quando questionado sobre essas imagens, o líder responde que os livros costumavam reproduzir fotos de Kardec, nas capas, que foram retiradas para evitar uma identificação personalizada da religião com o codificador da doutrina, e substituídas por essas fotos, que não são imagens que simbolizam a religião, mas apenas um “recurso mercadológico”. Isso se deve ao fato de que, na doutrina espírita kardecista, segundo Follmann e Pinheiro (2005, p. 8), “o móvel de tudo é a relação entre o plano material e espiritual realizada pela mediunidade ou o contato entre os espíritos”.



Imagem: Livros da doutrina kardecista
Fonte: Follmann e Pinheiro (2005).

Em um sentido contrário, Huff Jr. (2005) aborda em seu estudo as apropriações da imagem de Lutero feitas pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB durante o século XX. O autor

enfoca as construções da imagem de Lutero apresentadas pelas lideranças da IELB no *Mensageiro Luterano*, órgão oficial de comunicação do grupo, dando atenção especial aos períodos da I e da II Guerra Mundial e ao regime militar. Trata-se de um esforço de análise acerca de como um sistema de crenças, no contexto dos processos e conflitos sociais, reestrutura-se nas construções e reconstruções das imagens textuais e figuradas de seu líder carismático, apresentando implicações em termos de identidades e práticas sociais.

Ao buscar uma alternativa ao campo simbólico de âmbito hagiográfico e das imagens de santos no catolicismo popular, o autor realiza uma interpretação que funde expressões plásticas e verbais, uma síntese do que Louraux (1994) denominou de imagens figuradas e imagens não figuradas, e que o autor define como imagens visuais e imagens discursivas, presentes nas construções identitárias da IELB no Brasil.

Nesse processo, tomo dois exemplos de imagens de Lutero, analisadas pelo autor. Primeiramente, a imagem de Lutero, durante o período do regime militar, que apresentava um tom austero, figurada no *Mensageiro Luterano* (HUFF JR., 2005, p. 9) assim:



Fonte: Huff Jr. (2005)

As imagens discursivas associadas com a figura, naquela edição do *Mensageiro*, retratavam Lutero como “homem cheio de fé, de convicção, de coragem, do Espírito Santo”, que atende às exigências de “épocas excepcionais” (HUFF JR., 2005, p. 14).

Mas, como a sociedade muda, Huff Jr. (2005, p. 24) afirma:

Quando a sociedade muda, da mesma forma a religião muda. Os caminhos, contudo, não são lineares e as adaptações podem acontecer em diversos sentidos, mais ou menos conflituosos, mais ou menos coesos. Assim como Lutero, os pastores da IELB tiveram seus problemas reais e existenciais: a proibição do idioma alemão, a perseguição

da comunidade teuta, os problemas sociais brasileiros (corrupção, desonestidade, etc.), os desafios da modernidade e a busca pela afirmação de uma verdade religiosa. A estes problemas, aqueles pastores e líderes, quando e como puderam ou quiseram, responderam a partir de sua tradição confessional, revisitando-a em função de novas conjunturas, recriando e negociando suas identidades éticas e religiosas e revendo suas imagens de Lutero.

Isso foi também o que fizeram alguns jovens da IELB no final dos anos 1990, por ocasião do Lutherstock, festival de bandas *gospel* inspirado no estadunidense Woodstock, porém sem o sexo e as drogas, somente o *rock 'n' roll*.



Imagem: Cartaz do Lutherstock, recriada por Priscila Bueno, a pedido do autor
Fonte: Huff Jr. (2005).

Vemos aqui um exemplo de apropriação e atualização da imagética religiosa, na esfera pública, que segue o sentido inverso da orientação definida no espiritismo kardecista. A substituição da Bíblia pela guitarra, nas figuras de Lutero, sugerindo a mudança da mediação operada pelo ideal de homem religioso nele representado.

Importa perceber que, seja no caso dos livros espíritas, seja no do jornal luterano, o que está em jogo são as apropriações operadas na esfera pública e sua manipulação. O caráter dessas apropriações aproxima-se da concepção de “produção de consumo”¹⁰ elaborada por Certeau (1994).

10 O conceito de produção do consumo é constante em minhas pesquisas e análises recentes. Trata-se de um concepção elaborada por Michel de Certeau, que pode ser resumida na ideia de que as classes populares não consomem passivamente os produtos, bens e serviços que lhe são dirigidos pelo mercado. Diferentemente, produzem um consumo ativo, segundo mediações operadas pelo conjunto de seus interesses e expectativas de classe. Tal produção do

Dito de outra forma, estão em jogo nessas estratégias as distinções operadas socialmente para a definição da relação público/privado, que se conjugam, segundo Jovchelovitch (2000, p. 47) por

distinções claras entre o que deve ser oculto e o que deve ser visível, o que deve ser particular e o que deve ser comum, o que deve ser aberto e portanto distribuído a todos, e o que deve ser secreto, reservado e portanto subtraído da esfera aberta a todos. Estas são as questões que constituem o significado fundamental das esferas pública e privada. Elas indicam que existem coisas que devem ser privadas e outras coisas que devem ser apresentadas publicamente (*res publica*), pois somente assim é que elas podem existir.

Os espíritas kardecistas buscam impedir uma apropriação imagética do líder religioso, buscando evitar uma personalização identitária da religião na esfera pública,¹¹ enquanto os luteranos a operam e transformam, em suas relações com a sociedade. A estratégia dos luteranos, porém, mostra que a apropriação e manipulação da imagem do líder religioso ultrapassam a dimensão personalista de identificação religiosa, em um processo de circularidade de influências. Ou seja, a imagem do líder não é a personalização da religião, em um sentido imutável, uma vez que ela é apropriada e ressignificada pelas práticas atuais daqueles que se identificam com a religião, sendo novamente exteriorizada, com os acréscimos figurativos que dão sentido a estas práticas.

3.2 *As influências da esfera pública na construção imagética religiosa*

Outra maneira de se compreender essa manipulação das imagens é analisar as mudanças ocorridas pela influência da esfera pública na construção imagética religiosa, no interior do campo religioso. Para tanto, descrevo e analiso dois outros estudos.

Talita Bender Teixeira (2005), em seu estudo sobre *representações de trajes e imaginários associados a Exus e Pombagiras*, analisa o importante papel da imagética associado ao vestuário, na Quimbanda, reproduzindo modelos que pertencem a um imaginário fortemente influenciado pela mídia, especialmente a televisão e o cinema.

consumo, segundo o autor, permite vislumbrar táticas e estratégias populares que conformam, em última instância, a condição e o lugar pelos quais esses sujeitos tratam com exterioridades distintas, respectivamente, desde o lugar de um outro, ou de um lugar próprio.

11 Entretanto, as pesquisas de Follmann e Pinheiro mostram que os locais de reuniões dos espíritas kardecistas ainda guardam imagens de Allan Kardec, o que sugere que essa personalização é cultivada, no lugar considerado pelos praticantes como um lugar próprio.

Os adeptos praticantes da Quimbanda geralmente utilizam trajes que parecem saídos de filmes de época, tais como vestidos rodados, cartolas, bengalas, fraques, uma profusão de rendas e bordados. As imagens que os fiéis articulam durante as sessões remetem a momentos de luxo e esplendor, também endossadas pelos jornais voltados para o público frequentador dos cultos afro-brasileiros. Estas imagens, as representações de vestuário e a construção da identidade de *exus* e *pombagiras* pelos seus fiéis contrasta profundamente com o imaginário associado a estas entidades, ao longo do tempo demonizado pela óptica católica e, mais recentemente, pelo discurso da Igreja Universal do Reino de Deus.

A autora evidencia que tais representações se reproduzem em uma lógica circular, sendo ora incorporadas no vestuário que remete aos reconhecimentos imaginários das entidades – em uma síntese mimética com um fundamento coletivo, que se exterioriza nas celebrações – ora incorporadas nas estátuas e representações pictóricas das entidades, cuja mediação prevalente é dada nas cores: vermelho e preto.



Imagem: Pai de santo com vestimentas de seu exu
Fonte: Teixeira (2005).

Aqui, interessam as representações incorporadas ao vestuário, uma vez que

nas religiões afro-brasileiras, os *axós* – isto é, as peças de vestuário – adquirem contornos mágicos quando suas funções não estão mais somente limitadas ao ato de usar uma peça de roupa; na *própria* peça da indumentária é possível

ler e reconhecer um determinado imaginário, cuja procedência vem do sagrado. Nesse sentido, as religiões afro-brasileiras, de uma maneira geral, atribuem um imenso valor às roupas – que, combinados a rituais específicos, cores, paramentos e demais acessórios representam um universo simbólico cujas influências vêm dos mais variados entornos (TEIXEIRA, 2005, p. 2).

Teixeira (2005, p. 8) afirma que, segundo alguns praticantes entrevistados, a indumentária dos médiuns é negociada com as entidades, em reciprocidade, de forma que as figuras representadas no terreiro estão sempre em movimento, em torno de dádivas e obrigações. São elementos performáticos, no culto, fazendo com que a imagética religiosa ganhe vida.

Essas descrições podem fazer parecer que os axós diferem, em essência, da indumentária tradicional dos santos católicos, mais rígida e uniforme, quando expostos nos altares e oratórios, e arrumados somente para as suas festividades, quando os andores, mais que os santos, é que são bem “vestidos”.

Porém, Pimentel (2005) identificou elementos que contrariam essa aparência, quando investigou e analisou a devoção popular a São Longuinho no bairro Freguesia, município de Guararema-SP, onde está localizada a Igreja de Nossa Senhora da Escada, que possui uma imagem de São Longuinho em seu altar principal.

O estudo de Pimentel (2005) mostrou como uma comunidade se apropria da imagem de um santo descoberta em um depósito (identificada por alguns como de São Longuinho) e a produz, tratando-o com cuidados familiares (vestindo-a, limpando-a, conversando com ela).

Além dos trajes tradicionalmente utilizados para vestir as imagens de santos, no catolicismo, geralmente extraídos de figuras difundidas institucionalmente, os devotos locais do bairro de Freguesia, também influenciados pelos meios de comunicação, produzem vestimentas negociadas com São Longuinho e utilizadas em ocasiões diversas, segundo promessas efetivadas por eles próprios.

O conjunto das relações entre os devotos e o santo fez que a imagem deste se tornasse “presentificada” no lugar. Essa presentificação, todavia, se reproduz segundo interesses conflitantes dos sujeitos locais. Por exemplo, um político local imprimiu e distribuiu estampas de São Longuinho e mandou produzir uma imagem diferente, baseada em outra figuração existente no Vaticano. Simultaneamente, a imagem do santo começou a ser apropriada pelos “de fora”, através da indústria do turismo religioso, que reproduziu figurações do santo em sítios na internet e em panfletos de propaganda. E aqui cabe lembrar, com Augras (2008, p. 56) que “a efígie é portadora de poder. O significado desaparece em proveito do significante. O sagrado se reduz a

um poder mágico, suscetível de ser manipulado ao sabor das exigências dos desejos pessoais”.

Nesse contexto, a história oficial do santo, desconhecida pelos devotos locais, é substituída por histórias antigas que ganharam concretude na descoberta da sua imagem, gerando um fundo de crença sustentado e legitimado por sonhos dos devotos, que se apropriam posteriormente da “história” elaborada pela pesquisadora para justificar a importância dessa devoção peculiar.



Imagem: São Longuinho, Igreja de N. Sra. da Escada, Guararema-SP
Fonte: Pimentel (2005).

O que apropriado, dessas descrições, é justamente o caráter de “presentificação” das imagens religiosas, comum às duas pesquisas, que os vestuários produzem no interior do campo religioso, sob influência de representações difundidas na esfera pública. Tal presentificação se configura em uma *performance* que reúne elementos diversos: a indumentária, a imagética (imagens, imaginários e lugares), os praticantes ou devotos, a mídia, as negociações com as entidades e santos, entre outros, em uma relação constante de aproximação e distanciamento desses elementos.

As indumentárias representam, nessas performances, entidades liminares (SILVA, 2005) que propiciam a configuração dos “espaços de coexistência”¹² (AUGRAS, 1981).

Como as áreas recíprocas de movimentação asseguradas nos espaços de coexistência são constituídas por redes que aproximam e afastam as pessoas, suponho ser lícito relacionar essa tessitura com um campo de conflitos identitários que se formam em torno da presentificação das imagens religiosas em um determinado espaço. E aqui, penso o termo espaço pela similaridade

12 A noção de espaço de coexistência é assim definida por Augras (1981, p. 34): “no espaço de coexistência, os homens tecem redes que os aproximam e os afastam, organizando o mundo de maneira a assegurar áreas recíprocas de movimentação”.

dade dada no ritual, onde os sujeitos negociam os significados de suas movimentações em torno dos objetos religiosos com os quais estabelecem relações.

Nesse sentido, Simmel (1983, p. 160), afirma que:

Os significados bem diversos relacionados com o símbolo “distância” têm muita afinidade psicológica entre si. Por exemplo, uma imagem de objeto representada de algum modo como “distante” parece ter quase sempre um efeito mais impessoal. Se, acompanhada de tal representação, a reação individual seguinte à proximidade imediata e ao toque é menos aguda, tem imediatamente um caráter menos subjetivo e desse modo pode ser o mesmo para um número maior de indivíduos. O conceito geral que abrange uma pluralidade de pormenores é tanto mais abstrato (isto é, mais distante de cada um deles), quanto mais numerosos e diferentes uns dos outros forem estes pormenores. Assim, um ponto de unificação social a uma distância maior dos elementos a serem unificados (tanto no sentido espacial quanto no figurado) parece do mesmo modo ter efeitos especificamente unificadores e abrangentes. A unificação decorrente de um perigo mais crônico do que agudo, decorrente de um conflito sempre latente mas nunca detonado, será mais efetiva quando o problema é a unificação duradoura de elementos algo divergentes.

E aqui creio situar-se um dos elementos centrais dessa *performance* operada na presentificação das imagens religiosas: o problema dessa unificação duradoura de elementos algo divergentes, mas situados desde a influência da esfera pública nos campos religiosos, que se configuram nas dramatizações realizadas nos rituais. Como já afirmou Augras (2008, p. 59), “o campo das práticas devocionais [...] não permite apenas verificar que a efígie é o santo, mas que, em certos casos, é a imagem que parece criar o santo”.

3.3 *Imagens midiáticas, religião e identidades*

Essa sessão ajuda a sintetizar alguns elementos das sessões anteriores, pois permite identificar elementos para compreender os processos de mediação operados na manipulação das imagens entre as esferas religiosa, política, econômica e cultural, na esfera pública.

Exponho aqui um resumo da bonita pesquisa de Tadvald e de Bem (2005), intitulada *Discursos políticos, discursos religiosos análise midiática de uma trajetória pública*, onde se procura compreender as imbricações existentes entre a esfera religiosa e a esfera política a partir da análise de uma comunidade da periferia de Porto Alegre, conhecida como Morro da Cruz, e da trajetória de um candidato à vereança desta cidade, Aldacir Oliboni, que possui laços sociais intrínsecos com tal comunidade.

Os autores analisaram como o candidato, ao fazer uso de uma discursividade religiosa tanto em sua campanha política (mídia impressa e televisiva) quanto em sua atuação política e teatral no mais importante auto pascal de Porto Alegre, que ocorre na comunidade pobre do Morro da Cruz, aciona uma série de códigos comuns à referida comunidade, através da imagem de Jesus Cristo (papel que ele protagoniza no auto pascal), que se mobiliza em seu proveito em períodos eleitorais.

Nessa pesquisa, a imagem está explicitamente associada a uma *performance* do sujeito político que, no exercício de seus papéis sociais, transita entre esferas religiosas e políticas. *Performance* esta marcada pelo sentido comunitário (na concepção de uma “comunidade de sentido”),¹³ onde as fronteiras daquelas esferas se confundem, produzindo fenômenos imagéticos que se inscrevem no imaginário popular, tanto pela assistência aos fenômenos, como pela difusão de tais fenômenos por meio da mídia.

Dos relatos dessa pesquisa, aproprio-me especialmente de uma passagem ocorrida em 2004, descrita pelos autores, como segue.

Na procissão de 2004, quando Jesus/Oliboni se encontrava pregado (11ª estação da Via-Sacra), os oitenta atores (entre profissionais e membros da comunidade) e mais de dez mil participantes presenciaram o pouso de uma pomba branca na cabeça de Cristo, fechando a apresentação “*como um milagre*”, conforme definiu o diretor artístico do espetáculo (Jornal *O Sul*, 10-04-2004). A foto deste evento foi amplamente divulgada nos jornais da cidade do dia seguinte. Além disso, a procissão deste ano, que tinha como tema “Água, Fonte de Vida”, foi recebida por uma forte chuva em uma época de estiagem no estado. A chuva deu início, conforme divulgaram os jornais, “*na hora em que a samaritana dava água a Jesus*” (Jornal *O Sul*, 10-04-2004). Este evento foi “*interpretado como uma benção pelos fiéis*” (Jornal *Zero Hora*, 10 abril 2004) (TADWALD e DE BEM, 2005, p. 12).

13 Tadvald e De Bem (BACZKO, 1985 apud TADVALD; DE BEM, 2005, p. 7), assim descrevem essa noção: “Podemos pensar na noção de “comunidade de sentido”, ou seja, em que certos grupos podem compartilhar no imaginário uma série de códigos e símbolos que lhes fazem sentido e que lhes são apropriados positiva ou negativamente. Nesta comunidade de sentido, nos parece mister anotar que toda esta discursividade religiosa, por questões históricas e mesmo materiais, deve estar apropriada imageticamente de uma maneira que consagra valor de direito e de fato a todo e qualquer agente que destes códigos faça uso”.



Imagem: Pomba pousando na cabeça de Cristo, na encenação do auto pascal do Morro da Cruz
Fonte: Jornal *Zero Hora*, 10-04-2004.

Esses relatos também apontam para o fenômeno da “liminaridade” (TURNER, 1974), neste caso, melhor representado pela forma como os elementos antiestruturais do ritual assumem a centralidade do mesmo, deslocando os elementos estruturais, em proveito do *performer* (SILVA, 2005).

Simultaneamente, tais relatos também expõem como as liminaridades operadas nesses rituais contemporâneos, pensados desde a presentificação das imagens religiosas na esfera pública, em um campo religioso plural e concorrencial, desencadeiam um contexto/momento de produção da passagem de uma estrutura do imaginário, nos casos aqui em foco, para outro, ressignificando práticas, rituais, imagens e o próprio imaginário coletivo.

Considerações finais

As pesquisas aqui descritas indicam possibilidades de ocorrerem liminaridades no imaginário contemporâneo, em torno de apropriações e manipulações que se operam no uso das imagens religiosas na esfera pública. Isso sugere que as ressignificações operadas nesta esfera podem gerar um imaginário religioso realmente plural. Porém, torna-se necessário saber se é isso que vem ocorrendo ou se, ao contrário, tais apropriações e manipulações estão produzindo distúrbios identitários que agregam valor a fundamentos “culturalmente sacralizados”.

Nesse sentido, o essencial situa-se em perceber que se trata de pensar a religião sob um novo enfoque. A “porosidade”¹⁴

14 Sanchis (2001) elabora o termo no quadro de interpretação de uma porosidade das crenças na sociedade brasileira, buscando justificar uma concepção con-

que marca o uso e a manipulação das imagens religiosas, na esfera pública, auxilia a compreender que, hoje, “a religião [...] não fala a respeito de ou sobre coisas, mas de dentro de ou a partir de coisas – chame-se como se quiser – que são altamente sensíveis aos modos como se fala delas” (LATOURE, 2004, p. 351).

Se, no contexto das exteriorizações e representações que as imagens religiosas assumem na esfera pública, como “instituições públicas de singularização”, ora elas se ocultam, ora elas se mostram, é porque

mostrar e ocultar é o que faz a verdadeira reprodução [...]. Mas o que está oculto não é uma mensagem sob a primeira, uma informação esotérica dissimulada em informação banal, e sim um tom, uma injunção para que você, o espectador, redirecione sua atenção, afastando-a do que está morto e devolvendo-a para o que vive (LATOURE, 2004, p. 368).

Por fim, os registros aqui discutidos buscaram mostrar que as imagens religiosas se exteriorizam na esfera pública a partir de um conjunto de mediadores culturais que, em nenhuma circunstância, intencionam congelar tais imagens. Ao contrário, eles buscam recolocá-las no “fluxo que, só ele, empresta-lhes, às imagens, seu real – repetidamente representado, recorrentemente reparado e realizado – sentido” (LATOURE, 2004, p. 372).

Se tal fluxo implica, como procurei mostrar, na potencial produção de distúrbios identitários promovidos por mediadores diversos e suas atitudes reconhecidas, em análise situacional, é também correto perceber que essa implicação converge às imagens, atribuindo-lhes um lugar-presença sob e sobre o qual se reproduz um processo que prolonga seus próprios fluxos de sentido.

Nesse sentido, as mediações aqui indicadas fluem para uma imagética religiosa que, no campo do pluralismo religioso contemporâneo, produz representações figuradas que transitam pelas fronteiras estabelecidas aos padrões sociais de ação dos sujeitos de denominações religiosas distintas. Tais representações “em trânsito”¹⁵ negociam signos e valores produzidos para o uso e no uso das experiências devocionais e repercutem na vocação para o público própria dessas devoções, abrindo um campo de reciprocidades entre as práticas e crenças religiosas. Dessa forma, o consumo da imagética religiosa costuma ser

temporânea de sincretismo sincrônico, distinto do sincretismo diacrônico que marcava as relações tradicionais de conversão religiosa. Aproprio-me do termo, aqui, para buscar configurar uma ordem de interações entre as esferas religiosas, mediadas pelas imagens, que derivam da formação de um pluralismo concorrencial nas mesmas.

15 Aqui, estabeleço uma correspondência com a noção de “religião em trânsito” elaborada por Ronaldo de Almeida (2010), em estudo onde elabora uma concepção de religião, hoje, como constituída de “interações sociais multidirecionais” (ALMEIDA, 2010, p. 381).

apreendido como um “processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2006, p. 112).

Entendida dessa maneira, a imagética religiosa explicita uma plêiade de eticidades em jogo no campo religioso, configurando um “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) estruturado na ideia de que a singularização das imagens religiosas opera em correspondência com o pluralismo religioso, na contemporaneidade.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de (2010). Religião em trânsito. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz F. D. (coords.) *Horizonte das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS, p. 367-405.
- AUGRAS, Monique. *Todos os santos são bem vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- _____. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Socorro urgente: o “show” de Santo Expedito*. In: SILVA, André L.; SOUZA, Régis T. (Orgs.) *Religião e imagética: caminhos da devoção popular no Brasil e no México*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008, p. 53-68.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Edição portuguesa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. *Os santos nômades e o Deus estabelecido*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano (Artes de fazer)*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. RJ: Editora da UFRJ, 2006.
- FOLLMANN, José Ivo; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. *Imagens, Símbolos e Identidades no espelho de um “Grupo Inter-Religioso de Diálogo”*. In: Anais das XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina (GT Diversidade religiosa, imagens e identidades), PUCRS, set. 2005, 1 CDRom.
- HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: VVAA. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- HOORNAERT, Eduardo. A cristandade durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, E. e outros. *História da igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo*. (Tomo II/I). 3.ed. SP: Paulinas/Petrópolis: Vozes, 1983.
- HUFF JR., Arnaldo Érico. *Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro. Políticas e identidades na Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre a I Guerra Mundial e o Pós-Ditadura Militar*. In: Anais das XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina (GT Diversidade religiosa, imagens e identidades), PUCRS, set. 2005, 1 CDRom.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008, p. 89-121.

LATOURE, Bruno. "Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, Rio de Janeiro, Vol. 10, nº 2, p. 349-376, 2004.

LONDOÑO, Fernando Torres. Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro. Notas de uma pesquisa. *Revista Projeto História*, nº 21, p. 247-263. São Paulo, nov. 2000.

LOPES, José Rogério. *A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2010.

_____. Velhas devoções, novas devoções: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo. *Plura-Revista de Estudos de Religião*, Vol. 1, nº 1, p. 109-135, 2010(a).

_____. *Devoções, ciberespaço e imaginário religioso*. Uma análise dos altares virtuais. *Civitas*, Porto Alegre, Vol. 9, nº 2, p. 224-242, 2009.

_____. Os sistemas abstratos e a produção de reflexividade na religiosidade contemporânea. *Ciencias Sociales y Religión*, Porto Alegre, Ano XI, nº 11, set. 2009a, p. 13-34.

_____. Imagens e devoções no catolicismo brasileiro. Fundamentos metodológicos e perspectivas de investigações. *REVER*, São Paulo, nº 03, ano 03, 2003. Disponível no endereço eletrônico www.pucsp.br/rever/rv3_2003.

_____; SOUZA, Régis T. Religiosidade e iconografia em contextos populares da sociedade brasileira. *Ciências Humanas Unitaú*, Taubaté, Vol. 7, nº 2, p. 61-71, 2001.

LORAU, Nicole. *A invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MENEZES, Renata. Santo Antonio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 109-134.

PIMENTEL, Elam de Almeida. *Um estudo sobre a devoção a São Longuinho*. Dissertação de Mestrado (Ciência da religião), UFJF, 2005.

SANCHIS, Pierre. *Fíéis e cidadãos; percursos do sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____. Campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. *Revista de Antropologia USP*, Vol. 37, 1994, p. 141-181.

SIMMEL, Georg. Conflito e estrutura do grupo. In: MORAES Fº, Evaristo (org.) *Simmel* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). SP: Ática, p. 150-164, 1983.

SILVA, Rubens Alves da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, nº. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005.

SOARES, Antonio M. Ligorio. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TADVALD, Marcelo; DE BEM, Daniel F. *Discursos políticos, discursos religiosos: Análise midiática de uma trajetória pública*. In: Anais das XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina (GT Diversidade religiosa, imagens e identidades), PUCRS, set. 2005, 1 CDRom.

TEIXEIRA, Talita Bender. *O vestuário na encruzilhada: representações de trajes e imaginários associados a exus e pombagiras*. In: Anais das XIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina (GT Diversidade religiosa, imagens e identidades), PUCRS, set. 2005, 1 CDRom.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*, antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kriskchke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Prof. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Prof. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Prof. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Prof. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Prof. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Prof. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Prof. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Prof. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Prof. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Prof. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Prof. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 93 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 94 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 95 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 96 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 97 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 98 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Prof. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 99 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 100 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 101 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 102 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 103 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 104 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Prof. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 105 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 106 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha

- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaño
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva



José Rogério Lopes é graduado em Pedagogia pela Universidade de Taubaté (1983), mestre (1991) e doutor (1997) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professor titular e coordenador do PPG em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, e em Políticas Públicas, atuando principal-

mente nos seguintes temas: identidade, imagética religiosa, devoções populares, pobreza, processos de exclusão e cidadania.

Algumas publicações do autor

LOPES, José Rogério. *Anthropsys: relações teórico-práticas entre a psicologia e a antropologia*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

_____. *A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2010.

LOPES, J. R.; FOLLMANN, J. I. *Diversidade religiosa, imagens e identidades*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.